

ESPECIAL

Texto: Cristina Tavelin
Ilustração: Fábio Perez



Entre a mão invisível do mercado e as mãos de ferro do governo. Qual o caminho para equilibrar instrumentos regulatórios e de mercado, conduzindo a sociedade a padrões sustentáveis de desenvolvimento?

A contradição de regular o livre mercado

Desde a crise do subprime e o consequente colapso do sistema financeiro global, discussões sobre o papel do Estado na imposição de diretrizes ao mercado têm dividido opiniões em todo o mundo. A pauta — a princípio restrita a reuniões de cúpula de governos, empresas e analistas — ganha cada vez mais espaço nos diferentes setores da sociedade à medida que a crise afeta a economia real.

Estudo conduzido pela **Market Analysis**, empresa de pesquisa de mercados nacionais e latino-americanos, lançou luz sobre essa questão no início de 2009. O levantamento realizado no âmbito das pesquisas Monitor de Responsabilidade Social Empresarial e Barômetro Ambiental indica que a sociedade em geral passou a apoiar mais fortemente a intervenção do governo no mercado, mesmo com as possíveis consequências dessa postura, como, por exemplo, preços mais altos e menos empregos.

Segundo Fabián Echegaray, cientista político e diretor da Market Analysis, observa-se, de maneira geral, uma alta expectativa em relação ao Estado quanto a benefícios políticos. “Essa expectativa representa uma visão de poder e autoridade para que o Estado intervenha ou faça uso desse apoio para atender as expectativas da sociedade, o que significa a cobrança por um papel de proteção e respeito”, ressalta.

A pesquisa também buscou identificar a opinião dos consumidores a respeito das ações socioambientais das empresas — se são positivas

ou negativas. Para tanto, lançou mão de um questionário com perguntas abertas, visando extrair opiniões e não respostas prontas.

Os resultados evidenciaram uma correlação inversa entre o apoio à intervenção do governo e a percepção do desempenho geral das grandes empresas: quanto maior a adesão a uma pressão regulatória, pior a impressão quanto ao desempenho das corporações, e vice-versa. Em comparação ao estudo anterior da Market Analysis, a avaliação positiva do desempenho das empresas caiu para 59,4%, (ante 61% do ano anterior) enquanto foi registrado um forte crescimento no desejo de intervencionismo por parte de 57,7% (ante 51% do ano anterior) dos entrevistados — uma queda, portanto na confiança autorreguladora das companhias.

Ainda segundo a pesquisa, o apoio à regulação se mostrou mais forte no Nordeste do que no restante do país. Nessa região, chegou a 68% enquanto o menor apoio ocorreu entre as cidades do Centro-Oeste (39%). Os mais jovens são também os que mais se identificam com essa posição (55%). Já os mais velhos filiam-se entre os mais céticos (40% aderem à ideia).

De acordo com o levantamento do Monitor de RSE e o Barômetro Ambiental, os brasileiros têm uma relação mais forte com o governo do que com as empresas. “Independentemente do estilo de governo que esteja no poder, o que se vê hoje no País é a confiança no Estado mais forte do que nas empresas”, afirma Echegaray.